



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Camões e a Viagem Iniciática', de Helder Macedo]

Benjamin Abdala Júnior

Para citar este documento / To cite this document:

Benjamin Abdala Júnior, "[Recensão crítica a 'Camões e a Viagem Iniciática', de Helder Macedo]", *Colóquio/Letras*, n.º 184, Set. 2013, p. 238-242.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

na comédia de Antonio Mira de Amescua, a singularidade do teatro de Henrique da Mota, a ironia e o paradoxo nas comédias cervantinas, ou a memória intertextual da escrita epistolar de Camões.

Como seria de esperar, nem as literaturas moderna e contemporânea são esquecidas, com textos de D. Gareth Walters, Fernando Cabral Martins, Graça Videira Lopes, Ivan Teixeira, K. David Jackson, Luisa Trias Folch, Peter Dronke, etc. E os seus trabalhos críticos incidem sobre Cesário Verde, Wenceslau de Moraes, Fernando Pessoa, Carlos de Oliveira, Herberto Helder, Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Adriano Suassuna, Ana Hatherly, João Cabral de Melo Neto, entre outros.

Apesar da tonalidade geral de celebração, um volume de homenagem também pode constituir ocasião para um duplo balanço crítico. Isso mesmo é expresso no breve texto evocativo de Helder Macedo (outro aluno do homenageado e seu sucessor na Cátedra Camões, em 1982), ao salientar a crise atual por que passam, infelizmente, os Estudos Portugueses em Londres e em Inglaterra: «A contribuição de Stephen Reckert para o desenvolvimento dos Estudos Portugueses na Inglaterra não tem sido suficientemente assinada. Esta é uma boa ocasião para o fazer, não só para registar o muito que foi feito mas também para lastimar que muito do que foi feito esteja agora a ser destruído» (p. 49).

Mau grado estas legítimas apreensões, infelizmente não exclusivas da situação dos Estudos Portugueses em Inglaterra, o certo é que todos os colaboradores — antigos alunos e colegas investigadores —, admirando os iluminadores estudos do homenageado, reputam Stephen Reckert de perfeito *gentleman*, notável *scholar* e inesquecível *mestre*.

*José Cândido de Oliveira Martins*

**Helder Macedo**

## CAMÕES E A VIAGEM INICIÁTICA

Edição revista e aumentada

Rio de Janeiro, Móbile / 2012

Quem inicia a leitura de *Camões e a Viagem Iniciática*, de Helder Macedo, depara-se com um desenho que será um motivo recorrente para o conjunto desse livro, que apresenta uma leitura inovadora das produções literárias de Camões, quando este, a partir de sua escrita, procura dar «forma inteligível ao desconhecido» (p. 13). Há uma inclinação do poeta para a criatividade, seja em termos de poesia e de busca do conhecimento — e, acrescentaríamos, também nesta visão crítica, que ultrapassa, como ocorreu com a poética camoniana, os muros da estereotipia. É essa ultrapassagem que encontramos neste livro, em que o *amor* e a *razão* configuram campos semânticos que motivam o processo poético de Camões, afinado com a experiência. Distancia-se, assim, das ensimesmadas leituras estereotipadas neoplatônicas e da ideia recorrente de um universo cíclico.

Uma experiência crítica, diríamos, embalada pelo futuro, um desenho que não se fecha na repetição, mas inclina-se para a abertura da espiral. Uma crítica voltada para a processualidade do conjunto da obra de Camões, distanciando-se das visões tradicionais que não veem o poeta em sua integridade, dissociando o «sublime poeta» do «malandro malcomportado» — contradições e ambiguidades que vêm da «espantosa modernidade da sua obra [que] reside precisamente no fato de Camões só poder ser entendido como um desconfortável todo» (p. 93), como explicita Helder Macedo. E afastando-se da situação de uma espécie de «colonização» cultural (a aceitação das assimetrias dos fluxos culturais, situando acriticamente como superiores tudo o que vier

de fora), a consciência crítica de Helder Macedo busca justamente o que diferencia Camões dos poetas de seu tempo — diferença que aponta justamente para a permanência e atualidade de sua obra.

No primeiro capítulo do livro, Helder Macedo aborda poemas da obra lírica camonianiana, mostrando como essa abertura voltou-se para «modelos de mundos possíveis» [...] nos quais a «observação e a experiência suplantaram a dedução escolástica» (p. 14). Uma inclinação extensiva, como demonstrará, a sua obra épica, trazendo imagens críticas da sociedade portuguesa de meados do século XVI. São esses horizontes, como analogamente demonstra o crítico nesta sua viagem discursiva, que fizeram com que o poeta português não se restringisse às abstrações de um Dante e de um Petrarca que idealizavam o amor, numa significativa síntese do pensamento de seu tempo.

Ao contrário desses notáveis autores, numa perspectiva de ruturas com o contexto poético de seu tempo, o erotismo (a experiência amorosa) seria o veículo e não obstáculo para se conseguir o ideal em termos de amor. Não uma experiência abstrata de ascensão ao divino, como no formalismo abstrato do narcísico amor cortês, mas a valorização da sexualidade como forma de se atingir a verdade, sempre relativa, nunca absoluta. Afasta-se assim Helder Macedo da tradição de uma crítica «colonizada» em sentido amplo, é de se reiterar, uma crítica assimétrica e que só vê o fluxo cultural valorizando o que vem de fora para dentro do país, vindo a estabelecer associações mecânicas entre Camões e o petrarquismo.

Há em Camões, como se pode observar nas análises de Helder Macedo, aproximações e fricções entre carne e espírito. Para tanto, releva o «impulso erótico na raiz do ideal de Beleza» (p. 22). Poderíamos entender o desejo (no caso, o desejo eroti-

co) como forma de ascensão e ao mesmo tempo de concretização do ideal, sempre em movimento e em processo. Uma ascensão que não prescinde e, mais, implica o ato físico, como o crítico observa em suas análises, e que se efetiva através da aprendizagem baseada nessa experiência. E será assim o «difícil trânsito dialético para o desconhecido, através dos diversos níveis do amor, que Camões assume, na lírica, como a sua responsabilidade individual perante o mundo, e que, complementariamente, na sequência complexa d'*Os Lusíadas* irá adquirir o valor coletivo de uma viagem iniciática» (p. 25).

Nesse processo, o crítico configura como, nessa viagem, as abstrações das reminiscências platônicas são comutadas pelas «factualidades da memória, que passaram a ficar *escritas* na alma do poeta» (p. 28). Uma escrita que se pauta por antinomias, mas numa modalidade de processo de aproximações/tensões dialéticas que são de natureza complementar e não levam a uma síntese; não aceita os espartilhos de Dante ou Petrarca e seus discípulos, que situavam o encontro definitivo do sujeito numa preestabelecida ordem superior. Ao assumir o conhecimento experimental como «uma ponte para o desconhecido», distancia-se dessas referências: «Dante e Petrarca foram os poetas supremos de seu tempo. Mas Camões estava na vanguarda do seu, antecipando o nosso» (p. 29).

Nesse sentido, Camões distancia-se do aristocrático símbolo petrarquiano «da Beleza Ideal, personificado na loira brancura etérea», inclinando-se para a «ardente», «pura» e não-europeia Dinamene (p. 31), que veio de sua experiência amorosa e sexual, que se alarga para muitos poemas, inclusive em relação a sua amante negra. É de se recordar, como o faz o crítico no terceiro capítulo de seu livro em que apresenta «O Testemunho

das Cartas», que dez por cento da população lisboeta, à época, era negra. Trata-se de uma experiência que não degrada o sujeito, mas, ao contrário, o eleva. Uma utopia, acrescentaríamos, que não se configura como um mero depois, mas que, numa inversão temporal, fulgura no presente. Em *Os Lusíadas*, essa «experiência antecipada do Paraíso» vem através de Vénus, no episódio da Ilha dos Amores, que se configura como um ardente exercício da sexualidade.

Em relação ao «baixo amor», que Helder Macedo situa no campo de articulação entre as prisões metafóricas e as reais, ele não se deve à «dualista luta entre o bem e o mal», mas ao «choque múltiplo e contraditório entre a procura da razão e da desrazão que o confronta no mundo» (p. 35). Os desconcertos, a desrazão, são do mundo, que o poeta encontra em sua viagem iniciática. Deus e a natureza permanecem indiferentes nessa trajetória e a fé associa-se à ausência de pensamento humano, argumenta Helder Macedo. Na viagem poética de Camões, afirma-se cada vez mais a ideia de que o saber só vem da experiência, enquanto Deus, a Natureza e o Acaso são ininteligíveis. Ao final, como um juguete do acaso, o poeta não vê sentido no mundo, na vida, pois que «não há nela mais que o que parece».

Nessa trajetória da poesia lírica camoniana, correlata à sua viagem pessoal, Helder Macedo releva sua perda do medo e o amor transformado em razão. Se o poeta considera que «errou» em sua vida (duplo sentido — enganou-se e deambulou), o crítico o considera «subjetivamente sentido», o que não invalida seu «arrojo» e «modernidade», quando transforma o «acidental curso da vida num discurso racional inteligível» (p. 41-2). Entretanto, se, para Camões, sem os erros não há experiência e conhecimento, se a esperança não deixa de ser positiva, o problema vem

da «Fortuna». Se o poeta considerou ao final de sua viagem existencial que malogrou seu projeto de vida, Helder Macedo retifica sua subjetividade, problematizando o negativismo de *Babel e Sião*.

O crítico interroga: seria possível vincular essa produção negativista ao «trunfo final da Contrarreforma e o início da longa noite que Portugal ia começar a viver, simbolizados na consciência individual de seu maior poeta? O paralelo é, sem dúvida, tentador, mas a tentação é desinteressante e a conclusão é simplista. Seria então que Camões, velho, doente de todas as doenças físicas e espirituais que o amor o fez sofrer, exausto, pobre e desiludido, simplesmente desistiu da procura da nova síntese humanista que tinha sido a sua vida? Também julgo que não. Mais provavelmente — e não é pouco — o poema reflete uma crise total de desespero levando a um desejo de auto-obliteração» (p. 43-4).

Com precisão, Helder Macedo conclui este capítulo sobre a obra lírica camoniana, destacando o que foi fundamental para a sua análise da produção do poeta — a consideração do desejo, da experiência e da memória — e «os passos de uma errância tornada num discurso», em que Camões procurou «transformar o apetite em razão e a experiência em conhecimento, assumindo como um projeto pessoal de autodescoberta, uma viagem para uma nova concepção de humanidade. *Os Lusíadas* são a transposição iniciática, porque cívica, dessa viagem — o corolário humanístico da sua não desistência de emendar a desrazão do mundo» (p. 45-6).

Helder Macedo problematiza a natureza simbólica de *Os Lusíadas* situando seu herói numa viagem de iniciação que o obriga a transpor a identidade individual em direção à comunidade por ele personificada. A voz do herói é a de uma *persona* que inclui a voz crítica do sujeito da

enunciação (o poeta), presente também nas vozes de outras personagens, como na própria fala de Tétis, na Ilha dos Amores. Essa inserção crítica do poeta produz o efeito, de acordo com a análise de Helder Macedo, de problematizar o presente da escrita e não o passado celebrado. Sua perspectiva é atingir os destinatários de seu poema. Se Vasco da Gama é o herói da viagem iniciática, no plano da história, ao nível do discurso é a voz do poeta que se afirma, em registros em que se imbricam as «armas» e as «letras». Celebram-se os feitos históricos e os seus próprios, de Camões, já que o saber vem da experiência e se associa ao desejo e à memória. Valoriza assim seu canto, respaldado na experiência, ao procurar despertar a compreensão dos destinatários. Sem a voz do poeta (a superioridade das letras em relação às armas), não se configurariam, para os destinatários, os próprios feitos que registra. Ele próprio coloca-se como guerreiro letrado nesta viagem que tem muito de autorreferencial.

Em seu discurso poético onde se metaforiza a história, Camões descarta o pensamento teológico, dando forma ao conhecimento relativo que vem da existência do homem. Sua viagem iniciática, como afirma Helder Macedo, não é a ocorrida no passado, mas «a futura, aquela que o poeta vem chamar no presente, os seus contemporâneos ao regressar de uma aventura equivalente à que representa na do Gama» (p. 57). Os efeitos pretendidos por seu canto visam transformar o degradado do presente num futuro regenerado. Uma história, é de se entender, vista de um ponto de vista prospectivo e não do apenas celebratório, que seria próprio de um leitor desatento. Há uma conclamação à ação, envolvendo a própria figura do soberano português (D. Sebastião).

Na efabulação da viagem de Gama, o amor é determinante, pelo impulso de

Vénus, que acaba por seduzir o próprio pai. O erotismo configura-se no poema como regenerador, reitera o crítico. Toda a ação de Vénus no poema tem em vista a proteção dos portugueses, através de suas ninfas, capazes de desmobilizar todas as presenças bélicas. Particularmente interessante é a análise que Helder Macedo faz da força criativa do amor, que transforma a força destrutiva do ódio. Na viagem simbólica através do amor, e será esse poder que sempre norteará e protegerá os portugueses.

Ao analisar as variedades do amor, Helder Macedo visualiza o «baixo amor» do «Padre Baco». Baco é, na mitologia, pai de Luso, simbolizando o inimigo interno, a degradação, onde se «estão amando cousas que nos foram dadas, não para ser amadas, mas usadas» (p. 62). Estaria na base do desgoverno do império marítimo português. No episódio do Adamastor, Camões registra o fim do mundo conhecido e o ingresso no desconhecido, isto é, segundo Helder Macedo, a entrada no que era indomado, que «poderíamos chamar de subconsciente» (p. 63). E o confronto com o gigante foi entre a força da vontade (desejo) de conhecer e a negação do conhecimento. Ultrapassado o obstáculo mítico/natural, abriu-se o caminho do Oriente, «o mar, símbolo arquetipal da vida mas também da sua mutabilidade» (p. 66). E assim os portugueses poderiam ser vistos como Prometeu, rompendo fronteiras estabelecidas (geográficas e em relação ao conhecimento), buscando a sabedoria que seria das esferas dos deuses.

Ao voltarem de sua viagem, como ocorre na efabulação do poema épico, os navegadores portugueses são surpreendidos com a mágica Ilha dos Amores, imagem do paraíso terrestre, em que cada um pode encontrar uma forma de amor ideal, «onde todos adquirem conhecimento superior que vem da transformação do ape-

tite em razão», em que «todos os opostos se tornam complementares» e «o cisne canta em vida e não para morrer» (p. 70). E será nessa ambiência, que Tétis, personificação da fecundidade, «em doces jogos e em prazer contínuo», numa complementariedade entre o amor físico e o espiritual, revela a Vasco da Gama a «visão transcendente dos segredos do universo» (p. 71). São as celebrações de um «amor sublime» por oposição ao «baixo amor» que só leva à ambição e à cobiça.

A visão da «máquina do mundo» relewa, para Helder Macedo, «uma dimensão humana que aponta uma concepção extremamente moderna da relação entre o indivíduo e a sociedade» (p. 75). Sem deixar de ser cristão, mas na vanguarda do humanismo, Camões mostrou que o próprio poema é uma forma de conhecimento, assumindo «plenamente a função iniciática do verdadeiro herói da aventura para o conhecimento representada n'Os Lusíadas» (p. 77). E o sentido da vida vem da autodeterminação dos homens e não das esferas divinas, o que impõe relevar suas potencialidades subjetivas. No caso de Camões, essas potencialidades revelam-se em sua escrita: a aventura não estava propriamente na história da viagem em si, mas na sua configuração crítica no poema. Uma atualização para mover os destinatários, procurando motivá-los — com os olhos no futuro — num processo análogo ao dos navegadores, representados, por sua vez, em simetrias discursivas similares às experimentadas pelo próprio poeta, em sua viagem através da escrita.

A mensagem crítica do poeta à «apagada e vil tristeza» impõe mudanças de atitudes, configuradas poeticamente por Camões em associações simbólicas com figuras mitológicas, como ocorreu com a representação do próprio poeta, que pode ser correlacionada à figura de Sileno dian-

te do rei. Um dos alvos de sua mensagem crítica — enfatiza Helder Macedo — é D. Sebastião, «virginal, mal aconselhado e desatento à governação do reino» (p. 80), que deveria valorizar os excelentes vassalos.

Se Camões inicia e fecha seu poema épico estabelecendo a complementariedade entre letras e armas, com destaque para as letras, a exortação ao rei, nesse contexto, não deixa de ser igualmente crítica, e de sua aceitação dependeria, como aponta Helder Macedo, a «continuidade ameaçada de seu canto, que é o mesmo que dizer, no contexto do significado iniciático d'Os Lusíadas, como corolário de toda a obra de Camões, a justificação filosófica do seu destino pessoal na renovada continuidade da pátria que cantou» (p. 83).

Uma crítica, como se observa, às instâncias de poder e também aos destinatários do poema, enredados então em Lisboa pelo «baixo amor», cujos ventos desavisados levavam à corrupção e à falta de perspectivas, enfim, à camoniana «desrazão» do mundo. As potencialidades subjetivas dos navegantes, isto é, as dimensões de suas vontades e desejos, diferentemente, vinham da afirmação de uma forma de amor em que o físico se associava ao espiritual, nas águas da vida, movendo as dificuldades e conduzindo ao conhecimento, como argumenta Helder Macedo. Camões, que conheceu, pela observação e experiência existencial, a África, a Índia e a Indochina, ultrapassou os espartilhos europeus, vivenciando o contato entre culturas. Sua poesia, como demonstra Helder Macedo, abriu-se como vanguarda de seu tempo, em relação ao contexto europeu, e «inaugurou a percepção do mundo moderno, o mundo da diversidade, o mundo das incertezas» (p. 85).

*Benjamin Abdala Junior*